

TERESA BRAULA REIS

“Poetics of Space”, 3+1 Arte Contemporânea, curadoria de Luisa Santos

A exposição de Teresa Braula Reis e Gregor Graf, com curadoria de Luísa Santos, na Galeria 3+1 Arte Contemporânea, centra-se num entendimento da noção de lugar. Adoptando o nome Poetics of Space, numa referência directa aos escritos de Gaston Bachelard, ambos os artistas dialogam em torno das ideias de permanência e transição, interior e exterior, privado e público, ou, no fundo, daquilo que nos permite entender a maneira como referenciamos o espaço e o tornamos nomeável.

A forma como o trabalho dos dois artistas se complementa e se intersecta revela um equilíbrio na escolha dos conteúdos, na articulação das obras entre si e na sua relação com o espaço exíguo da galeria.

O trabalho de Gregor Graf detém um suporte plano. As fotografias, desenhos e objectos de parede que dá a ver, funcionam como espelho e projecção de um imaginário que facilmente reportamos ao norte da Europa.

Limpo e rigoroso, o seu olhar assenta sobre imagens reais, contudo foca e descortina um lugar utópico que se afasta do meio urbano. Um lugar que, no seu enquadramento cultural, responde a uma procura idílica pela ligação à paisagem, mas que, no seu âmago, existe entre o facto e a ficção.

Assim, a forma como as imagens são apresentadas, levanta-nos, deliberadamente, um conjunto de dúvidas. Não sabemos, por exemplo, se a casa que aparece numa das fotografias é a primeira das que ali vão nascer ou a última das que ali restam. Tampouco é certo se os telhados que o autor desenha, e que definem o limite entre o interior e o exterior, entre o que se cobre e as montanhas que enquadram e ecoam o seu recorte, são reproduções de um modelo existente ou derivações fantasiadas do mesmo. Na verdade tudo é real, mas tudo aparenta ser sonhado.

A condição de ambiguidade, que o seu trabalho sustenta, instaura uma inquietude nos segue e que se expande da casa ao território. Uma inquietude que assenta na vontade de querer fixar um lugar, expressando-se porém na incapacidade de o conseguir reter. Uma inquietude que se espelha na dualidade entre a passagem e a permanência, como o pequeno desenho das escadas a envolver uma paragem de transportes, tão bem demonstra.

O espaço que Gregor Graf nomeia não é aquele que de imediato nos apresenta, mas sim aquele pelo qual acabamos por ansiar. Um outro espaço, de carácter utópico; lugar aparentemente sereno, mas inquietamente intangível.

O trabalho que Teresa Braula Reis apresenta é predominantemente volumétrico. Os objectos a que dá corpo afirmam-se pela expressividade da construção e reportam-se a uma ideia de manufactura. Contrariamente às obras de Gregor Graf, que são como ecrãs,

falamos aqui de uma lógica do que é espesso, onde se promove uma ligação evidente à Arquitectura.

O conjunto de blocos que a artista dispõe na galeria, remete-nos sempre para uma ideia de interior. Seja o interior daquele local, sublinhado pelo posicionamento de duas peças que refazem os cantos da sala, ou o interior dos próprios blocos, dando a perceber aquilo que de que são feitos. Estes últimos acolhem em si um conjunto de destroços que hesitam entre algo que restou e foi guardado, ou algo sem valor, que ali está somente como enchimento de construção.

De forma oposta a Gregor Graf, o discurso de Teresa Braula Reis dirige-se então para dentro, evoluindo da casa ao nicho e ao objecto, numa graduação para o íntimo. Mas, curiosamente, a sua atenção recai também sobre aquilo que se anseia. Não sobre o que, utopicamente, se ambiciona noutra espaço imaginado, mas sim sobre o que, utopicamente, se projecta noutra ordem de tempo.

O que move o seu trabalho é um olhar sobre o acto de edificar e sobre a durabilidade que lhe é inerente. E as suas obras reflectem um mesmo hiato que nos suspende perante algo ambíguo. Algo que não percebemos se pondera um tempo passado, se fomenta um tempo futuro ou se abarca ambos em potência.

É também isso que encontramos nos dois vídeos apresentados, onde um bloco de dois televisores sobrepostos, num registo de princípio e fim de ciclo, mostram a implosão de um edifício e a explosão de uma pedreira.

O espaço que Teresa Braula Reis nomeia não é apenas aquele que emerge da posição que as suas construções gerem. É, sobretudo, aquele que advém do que a matéria questiona, ou aquele que não detém um tempo certo, mas que existe enquanto anseio ou utopia.

Se o olhar de Gregor Graf nos conduz para fora, para o espaço do colectivo, o olhar de Braula Reis dirige-nos para dentro, para o espaço do individual. E se um é ecrã, onde se projecta e espelha um desejo de outro lugar, outro é corpo, onde se inscreve e regista a vontade de um outro tempo. E é essa a ligação que ambos estabelecem na procura por uma poética do espaço. Uma poética que transcende a afirmação do que é nomeado, para procurar a presença do que é incerto.

Sérgio Fazenda Rodrigues in Revista Contemporânea, 2016